

CON FRANCO "BIFO" BERARDI PENSAR EN TÉRMINOS DE ULTIMIDAD PARA DISIPAR LO QUE PARECE INEVITABLE.

CON FRANCO "BIFO" BERARDI
PENSAR EM TERMOS DE ÚLTIMA INSTÂNCIA
PARA DISSIPAR O QUE PARECE INEVITÁVEL.

WITH FRANCO "BIFO" BERARDI
TO THINK IN TERMS OF ULTIMACY TO
DISSIPATE WHAT SEEMS INEVITABLE.

María Teresa Casté Crovetto
Sociedad Chilena de Psicoanálisis
ORCID: 0009-0008-7835-2627
mteresa.caste@gmail.com

Moises Rodrigues da Silva Junior
Instituto Sedes Sapientiae
ORCID: 0009 – 0009 – 2078 – 6956
moisesrs@uol.com.br

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Casté Crovetto M. T. Rodrigues da Silva Junior M. (2023) ENTREVISTA FRANCO "BIFO" BERARDI
PENSAR EN TÉRMINOS DE ULTIMIDAD PARA DISIPAR LO QUE PARECE INEVITABLE.

Intercambio Psicoanalítico 14 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2. 12/

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

COM FRANCO “BIFO” BERARDI PENSAR EM TERMOS DE ÚLTIMA INSTÂNCIA PARA DISSIPAR O QUE PARECE INEVITÁVEL.

María Teresa Casté
Crovetto¹

Moises Rodrigues da
Silva Junior²

1 Psicóloga, Universidade do Chile. Membro Titular do Ichpa. Psicanalista vincular, especialista em grupos.

2 Médico, psicanalista, analista institucional, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professor do Curso de Psicanálise da mesma instituição.

Um dos conferencistas principais do XII Congresso da FALPPSIP, o único que não pertence ao nosso continente, embora tenha estado próximo aos processos vivenciados aqui, foi Franco “Bifo” Berardi. Sua intervenção encerrou as atividades científicas do Congresso em 15 de outubro. Havia expectativa para ouvi-lo, pois suas considerações sobre o estado da civilização atual, dominada pelo triunfo absoluto do capitalismo e conseqüentemente pelo ressurgimento do fascismo, não deixam ninguém indiferente. Aqueles que o seguem mais fervorosamente em suas ideias têm observado que a evolução dos eventos em escala global parece confirmar os aspectos mais ominosos de sua pregação. No entanto, como um dever intelectual de primeira ordem, Berardi não se fecha ao inesperado. Que a lógica em curso permita prever um certo desfecho não impede que o imprevisível possa alterar o curso das coisas. Ele nos propõe, assim, a tarefa de nos prepararmos para ampliar a brecha de oportunidade que possa surgir a partir de fenômenos impensados, como foi recentemente a pandemia do coronavírus.

As perguntas foram feitas por Moises Rodrigues da Silva Junior (Sedes) e María Teresa Casté Crovetto (Ichpa) que, junto com o entrevistado, fazem parte do Gruppo Intercontinentale di Ricerca sulla Salute Mentale desde o ano de 2020.

Moises Rodrigues e Teresa Casté: O significante “apocalipse” contém não apenas a destruição (com fogo), mas também a antecipação de um “céu novo, uma terra nova”. Se este mundo está se movendo cada vez mais em direção à morte, no Apocalipse existe a possibilidade do novo, e é por isso que você insiste: “não deixemos de pensar, porque pode ser que o imprevisível precise ser pensado”. Como você acredita que isso é possível quando vemos que o homem exausto, amedrontado, perdeu sua capacidade imaginativa?

F. Berardi: A palavra “apocalipse” significa, literalmente, descobrimento de uma verdade que estava escondida. Nesse sentido, estamos vivendo uma situação apocalíptica: uma verdade está se revelando; percebemos isso. Mas, qual é essa verdade que estamos descobrindo? É verdade que o culto à supremacia, à competição, à humilhação do outro tem produzido um horror sem fim.

A humilhação imposta pelos vencedores da Primeira Guerra Mundial ao povo alemão gerou o monstro nazista. A humilhação do extermínio, das deportações, do Holocausto, gerou o monstro do Estado colonialista identitário israelense. A humilhação imposta pelos ocupantes israelenses aos palestinos, confinados na maior prisão do mundo, deu origem

ao monstro Hamas. Diante dessa sequência de monstruosidades, nos encontramos como Ferenczi em 1919, quando afirmou que a psicanálise possui as ferramentas conceituais e terapêuticas para curar a neurose individual, mas não possui as ferramentas para curar a psicose de massa que se manifestava na Europa.

Hoje estamos em uma situação semelhante: uma psicose agressiva que se manifesta na forma de nacionalismo está se desencadeando em grande parte do mundo.

Moises Rodrigues e Teresa Casté: A convivência humana ainda é possível?

F. Berardi: Provavelmente não. Não há convivência entre russos e ucranianos, não há convivência entre azeris e armênios, não há convivência entre palestinos e israelenses. Mas a desintegração da convivência é mais ampla: não há convivência possível entre duas partes da sociedade norte-americana. O trumpismo é a declaração de que os Estados Unidos não podem compartilhar a mesma história.

Vivemos em uma condição nova, onde a esperança de um futuro mais habitável está desvanecendo, pelo menos na Europa. Temos que nos perguntar quais estratégias espontâneas estão emergindo nesta conjunção. Os jovens, que se autodenominam a última geração, fazem uma constatação bastante extrema, mas não podem escapar à pergunta: como poderemos viver?

Minha percepção é que está se formando uma onda de deserção ativa: deserção e abandono das esperanças da sociedade moderna, mas também deserção e abandono do campo da produção (a grande demissão de milhões de trabalhadores no Ocidente). Deserção da política institucional, que se revelou uma fraude. Deserção da guerra, como fazem meio milhão de jovens russos e não sabemos quantos ucranianos, mas sabemos que são muitos. E para concluir, deserção da procriação: falta de natalidade intencional, rejeição em gerar vítimas do inferno climático, vítimas da bomba nuclear que se perfila no horizonte. Nós escapamos, mas como diz Deleuze: quando estamos escapando, não estamos apenas nos limitando a fugir. Ao mesmo tempo, estamos procurando novas armas e, acima de tudo, novas técnicas para sobreviver.

Moises Rodrigues e Teresa Casté: Que lugar podemos pensar para a amizade?

F. Berardi: A cura para a psicose de massa, conforme discutida por Ferenczi em 1919, reside apenas na amizade. Somente a criação de ilhas de deserção amigável pode criar as condições para que a última geração seja de fato a última, mas felizmente última. Ou, pelo menos, não infeliz demais. Em relação a “que lugar”, acredito que a próxima onda de movimento cultural e social tomará a forma de uma proliferação de comu

nidades auto-suficientes e frugais que se desterritorializam, tornam-se nômades e se ocultam. Contudo, reconheço que a ameaça climática coloca a questão do “lugar” em termos muito frágeis. Pensar em termos de frugalidade significa buscar formas de equilíbrio entre o consumo indispensável e o meio ambiente.

Moises Rodrigues e Teresa Casté: Por que não nos relacionamos melhor e vivemos com tanta violência e agressividade?

A derrota do internacionalismo tem produzido as condições para uma guerra de todos contra todos. Além disso, o declínio demográfico, econômico e cultural do Ocidente, juntamente com o esgotamento da população envelhecida do norte do mundo, tem gerado uma reação furiosa. A cultura branca parece incapaz de enfrentar, tanto cultural quanto psiquicamente, o declínio, o esgotamento e a morte. Sua reação se manifesta como uma resposta agressiva e suicida ao mesmo tempo, como demonstra a guerra entre Rússia e Ucrânia: um conflito intra-branco que pode ser explicado em termos de demência senil.

Moises Rodrigues e Teresa Casté: Gostamos de uma expressão da psicanalista Janine Puget. Ela diz em um escrito que “viver é habitar areias movediças em condição de errantes...”. Nesta frase, inclui, inevitavelmente, a noção de uma incerteza essencial, de movimento, e se o forçarmos, de diversidade, de alteridade. Que lugar pode ocupar a invenção de novos mundos, a criatividade, que permita desertar de um modo, mas projetar novos “entre”, novos modos vinculares?

F. Berardi: Donna Haraway propõe pensar em termos mais amplos do que o humano. Pensar como critters¹, como elementos físicos, químicos, psíquicos, que atravessam o processo de tornar-se nada com uma consciência leve, irônica, feliz.

Moises Rodrigues e Teresa Casté: Como você pensa na possibilidade de não transformar a probabilidade em certeza?

F. Berardi: O momento que vivemos é muito sombrio porque as tendências negativas, destrutivas, parecem se impor como inevitáveis. Mas eu sempre me lembro de uma frase de Keynes: o inevitável muitas vezes não se realiza porque o que se realiza é o imprevisível. O que é imprevisível hoje? Onde podemos procurar por isso? Como é imprevisível, não posso saber, mas a esperança que nos resta é a esperança do imprevisível.

1 Critters: em inglês informal significa “criatura”. Pode ser traduzido como “bicho” em um sentido coloquial.

Moises Rodrigues e Teresa Casté: Por outro lado, como você vê o compromisso ético da clínica, que subjetividade se produz neste registro da última instância?

F. Berardi: Acredito que, após o trauma da COVID-19, após o retorno da guerra como forma dominante nas relações, o pensamento clínico precisa repensar seus horizontes. O mal-estar na cultura, do qual Freud fala, é substituído por uma dissolução da civilização.

A psicanálise pensou em um horizonte de relativo equilíbrio. Apesar das guerras mundiais, o século de Freud podia acreditar no futuro, na porvir. Agora descobrimos que o porvir é uma ilusão, que o progresso é uma ilusão.

No tempo de Freud, era possível pensar o trauma em um horizonte evolutivo de tipo progressivo: existia um futuro que prometia ser melhor. Agora estamos no horizonte da última instância. Temos que pensar nesses termos, para dissipar o que parece inevitável, esperando o imprevisível.